

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA

Ana Clara Cardoso de Freitas

**Recepção do conceito de segunda escravidão na historiografia brasileira**

Florianópolis

2023

Ana Clara Cardoso de Freitas

Recepção do conceito de segunda escravidão na historiografia brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de [Bacharel(a) e Licenciado(a)] em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Tiago Kramer de Oliveira

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Freitas, Ana Clara Cardoso de Freitas  
Recepção do conceito de segunda escravidão na  
historiografia brasileira / Ana Clara Cardoso de Freitas  
Freitas ; orientador, Tiago Kramer de Oliveira , 2023.  
32 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Segunda escravidão. 3. Historiografia da  
escravidão. I. , Tiago Kramer de Oliveira. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

### ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezesseis dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três, às dez horas no LEAHC, Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Tiago Kramer de Oliveira, Orientador e Presidente, pelo Professor Pedro Viana de Souza, Titular da Banca, e pelo Professor Paulo Pinheiro Machado, Suplente, designados pela Portaria nº 12 /2023/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da(o) acadêmica(o) Ana Clara Cardoso de Freitas, subordinado ao título: " **Recepção do conceito de segunda escravidão na historiografia brasileira**". Aberta a Sessão pelo (a) Senhor(a) Presidente, o(a) acadêmico(a) expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o(a) mesmo(a) foi arguido(a) pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor Tiago Kramer de Oliveira a nota final *8,0*, do Professor Pedro Viana de Souza a nota final *8,0* e do Professor Paulo Pinheiro Machado a nota final *8,0*; sendo aprovado(a) com a nota final *8,0*. O(A) acadêmico(a) deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia vinte e três de março de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 16 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Tiago Kramer de Oliveira

Prof. : Pedro Viana de Souza

Prof. Paulo Pinheiro Machado

Candidata Ana Clara Cardoso de Freitas

Ana Clara Cardoso de Freitas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Ana Clara Cardoso de Freitas, matrícula n.º 16105825, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Recepção do conceito de segunda escravidão na historiografia brasileira, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 17 de março de 2023.



Documento assinado digitalmente  
Tiago Kramer de Oliveira  
Data: 17/03/2023 07:41:07-0300  
CPF: \*\*\*.401.621-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Orientador(a) Tiago Kramer de Oliveira

## AGRADECIMENTOS

Escrever o meu TCC foi uma jornada, e uma longa jornada, que não teria sido possível de concluir sem família, meus pais, irmão, avós e tios, como em todos os outros momentos da minha vida, que me ofereceram incontáveis vezes apoios de todos os tipos, e por isso agradeço enormemente.

Agradeço ao meu primeiro orientador, Waldomiro Lourenço da Silva Junior, que desde o primeiro momento se dispôs a me ajudar a construir meu trabalho e que se manteve comigo até o final dessa jornada.

Agradeço ao meu atual orientador, Tiago Kramer, e a banca de defesa, Pedro Vianna e Paulo Pinheiro, pela disponibilidade e a gentileza em compor esse momento tão importan

Agradeço ao meu companheiro, Caetano Peressutti Moreira, que embarcou nessa jornada recentemente, mas que teve um impacto enorme, ficando incontáveis noites que acordado comigo me ouvindo repetir sobre o mesmo assunto. Agradeço os meus gatos, Narcisa e Lua, que com Caetano, constroem minha família.

Gostaria de agradecer aos meus, não muitos, mas melhores amigos, Agatha, Raissa e Carlos, que me ouviram sempre que eu estava desmotivada ou insegura, me ajudando a atravessar momentos muito difíceis.

Agradeço meus colegas de trabalho e minhas gestoras, Bel, Cintia, Lorrana, Patricia, que ao longo desses últimos anos me ofereceram suporte e me incentivaram a ir atrás dos meus objetivos.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e amigas que de alguma forma estiveram na minha vida ao longo dessa aventura que foi a graduação!

## RESUMO

A escravidão gerou consequências impossíveis de ignorar tanto no contexto macro, nacional e internacional, quanto no dia a dia das pessoas, daí uma importância em entender como esse processo se deu. No presente Trabalho de Conclusão de Curso, será abordada uma forma específica de enquadramento do fenômeno da escravidão, mediada pela noção de segunda escravidão, conceito formulado pelo historiador Dale Tomich no final dos anos 1980. O objetivo foi analisar a gênese, a difusão e a recepção da noção de segunda escravidão com foco na historiografia brasileira, evidenciando alguns dos avanços alcançados com a agenda de pesquisa constituída a partir daí. A análise foi feita a partir de uma pesquisa bibliográfica pela qual foi possível observar algumas das principais apropriações do conceito.

**Palavras-chave:** segunda escravidão; historiografia da escravidão; escravidão no século XI;

## ABSTRACT

Slavery had consequences that were impossible to ignore both in the macro, national and international context, as well as in people's daily lives, hence the importance of understanding how this process took place. For this, there are several study proposals, in this work I will talk about a specific one: second slavery, a concept formulated by Dale Tomich in the late 1980s. The objective, therefore, was to analyze the expansion and reception of the notion of second slavery with a focus on Brazilian historiography, highlighting the theoretical references of the author Dale Tomich, as well as analyzing the advances achieved with the research agenda constituted from there. This analysis was based on a bibliographical research, where it was possible to observe some appropriations of the concept, focusing on Brazilian historiography, and the significant expansion in the 21st century of the use of the concept of second slavery in the world.

**Key-Words:** second slavery; slavery historiography ; 19th century;

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b>	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O CONCEITO DE SEGUNDA ESCRAVIDÃO</b>	<b>6</b>
1.1 DALE TOMICH E FERNAND BRAUDEL CENTER	6
1.2 DALE TOMICH E O CAMPO DA ESCRAVIDÃO	7
1.3 SEGUNDA ESCRAVIDÃO	9
1.4 SISTEMA-MUNDO E MULTIPLICIDADE TEMPORAL	13
1.5 A DIFUSÃO DO CONCEITO	16
<b>CAPÍTULO 2 - A RECEPÇÃO DA SEGUNDA ESCRAVIDÃO NO BRASIL</b>	<b>21</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>27</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

A escravidão nas Américas criou rupturas irreparáveis, adicionando uma camada de sofrimento sem precedentes à história do mundo com consequências que reverberam até a contemporaneidade. Daí, também, tornou-se tema importante de estudo e análise ao longo do tempo, ainda antes da conclusão da abolição nas Américas. O movimento da historiografia da escravidão atlântica nos últimos anos, aproximando história econômica e a história social, caminha em direção à história global a fim de superar o nacionalismo metodológico. Uma das tendências nesse sentido está voltada para a pluralidade temporal e estrutural da escravidão, baseada no conceito de “segunda escravidão”.<sup>1</sup>

A segunda escravidão, conceito proposto por Tomich, diz respeito ao período que sucedeu à Revolução Industrial e a Revolução Haitiana, iniciando no final do século XVIII que engloba a escravidão articulada ao capitalismo industrial. Ou seja, essa perspectiva desloca a escravidão de uma posição externa ao capitalismo (compreendido como histórico e variável), o que possibilita observar com outros olhos as mudanças que acontecem nos grandes centros escravistas do mundo (Cuba, sul dos EUA e Brasil).

Em Cuba, por exemplo, no século XIX, apesar de um “medo do Haiti”, há um aumento da entrada de escravos para suprir a demanda de mão de obra na produção açucareira, empresa crescente após a Revolução Haitiana.<sup>2</sup> Junto desse movimento, não há como negar uma preocupação em relação à possibilidade de uma revolução escrava. Isso se manifestou por medidas de controle demográfico e territorial, na tentativa de evitar respectivamente que a população negra ultrapassasse a branca e prevenir que grandes colônias de escravos se formassem em áreas mais remotas da ilha.<sup>3</sup>

Essa dinâmica de transformações não foi algo exclusivo da região caribenha, tendo repercutido em todo o espaço Atlântico. No Brasil, por exemplo, o tráfico de escravos é legalmente interrompido em 1831, mas isso não impediu que grande quantidade de africanos fossem importados ilegalmente.<sup>4</sup> A situação no Brasil, em Cuba e no Sul dos Estados Unidos tem diferenças, mas a noção de segunda escravidão acena para uma integração a um cenário

---

<sup>1</sup> MARQUESE, 2019, p. 26

<sup>2</sup> FERRER, 2012, p. 49

<sup>3</sup> Ibidem., p.43

<sup>4</sup> CHALHOUB, 2012, p 35

maior, sendo influenciado por forças mais amplas do desenvolvimento da economia-mundo capitalista no século XIX.

A presente pesquisa aspira analisar a expansão e a recepção da noção de segunda escravidão com foco na historiografia brasileira, evidenciando os referenciais teóricos do autor Dale Tomich, bem como analisando os avanços alcançados com a agenda de pesquisa constituída a partir daí. O objetivo é evidenciar as ampliações das análises feitas sobre escravidão e capitalismo, as lacunas que ainda precisam ser preenchidas e os limites.

Como já foi dito, a pesquisa irá se centrar principalmente na historiografia brasileira que dialoga com o conceito de segunda escravidão, tendo referenciado historiadores e estudiosos de outras nacionalidades brevemente em alguns debates e na pesquisa quantitativa. Para alcançar esse objetivo foi feita, além de análises qualitativas, uma pesquisa quantitativa no Google acadêmico a fim de obter uma amostragem dos trabalhos acerca da segunda escravidão. A busca foi feita com os termos: segunda escravidão, *segunda esclavitud* e *second slavery*. Foram registrados 52 resultados que citam ao menos uma vez um desses termos.

Posterior à seleção dessa amostragem, foi feita a organização desses dados em planilhas e uma pesquisa acerca da universidade e país da qual esse autor escreve, bem como sua área de formação principal. Também, sobre as obras encontradas, foi feita a identificação de qual tipo de trabalho se tratava, se era um livro, artigo, capítulo de livro, etc. Assim como qual o ano de publicação da obra. A identificação dessas informações planeja possibilitar a análise da expansão do uso da segunda escravidão no mundo.

Em um segundo momento foi feita uma análise referente aos referenciais teóricos do autor Dale Tomich a fim de buscar entender melhor sua proposta e como ela é composta, possibilitando uma melhor análise e compreensão do uso do conceito feito por outros autores que também foram tratados neste trabalho.

Por último, foram selecionados trabalhos de autores brasileiros que tratam sobre esse tópico, para fazer uma análise sobre como esse conceito foi recepcionado e como tem sido explorado nesse contexto específico. Os autores tratados foram escolhidos principalmente por dois centros que fomentam esse debate que é a USP e a UNIRIO. Existem outros historiadores que trabalham com o tema e com o conceito e não trabalham nessas universidades que foram selecionados também para fazer parte do debate.

O trabalho foi dividido em 2 capítulos, no primeiro pretende-se explicitar o conceito estudado, considerando o contexto intelectual no qual o autor está inserido e seus principais referenciais teóricos e metodológicos. Esse primeiro capítulo será dividido em 4 partes menores, sendo elas: 1.1) Dale Tomich e Fernand Braudel Center, 1.2 Segunda escravidão, 1.3 Sistema-mundo e multiplicidade temporal, 1.4) Expansão do conceito no mundo.

O segundo capítulo focará no processo de expansão do conceito de segunda escravidão no Brasil através dos principais polos de estudo sobre o assunto. Focando na USP e Unicamp, partindo do historiador Rafael Marquese e seus orientandos. O Objetivo aqui é entender um pouco melhor como o conceito foi apropriado em algumas obras selecionadas e como a produção que se utiliza do conceito de segunda escravidão está distribuída no Brasil.

## **CAPÍTULO 1 - O CONCEITO DE SEGUNDA ESCRAVIDÃO**

### **1.1 DALE TOMICH E O FERNAND BRAUDEL CENTER**

Dale Tomich é professor aposentado da Universidade de Binghamton e está principalmente interessado em estudos históricos e sociológicos referentes à América Latina, Caribe, economia-mundo e escravidão. É conhecido no Brasil, em especial, por conta do conceito que formulou no final da década de 1980: segunda escravidão. O professor também ajudou a construir o *Fernand Braudel Center*, com outros nomes como Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, conhecidos por explorar e estudar o tema e o método acerca do sistema-mundo e assuntos tangentes.<sup>5</sup>

Tomich fez sua formação de graduação e pós-graduação na universidade de Wisconsin entre 1964 e 1976, fazendo um intercâmbio na universidade de Warwick na Inglaterra, por 1 ano, onde teve aulas com E.P. Thompson. Durante seu tempo na Universidade de Wisconsin, ele foi orientado Harvey Goldberg com quem estudou História Social Europeia. Nessa época conheceu C.L.R James, que o influenciou a continuar os estudos sobre o Caribe, interesse que já tinha anteriormente.<sup>6</sup>

Em 1976, começou a trabalhar em Binghamton como professor associado do Departamento de Sociologia, onde a linha de pesquisa girava em torno de “mudanças ao nível mundial”. Nesse contexto, observou a necessidade de reestruturar a sua pesquisa sobre

---

<sup>5</sup> MARQUES; PARRON, 2019, p. 4

<sup>6</sup> TOMICH, 2016b, p. 19

Martinica, trabalho que havia começado a escrever ainda quando orientado por Goldberg na sua dissertação de mestrado. O trabalho foi repensado considerando o trabalho de Wallerstein que havia sido publicado 2 anos antes, com a proposta sobre sistema-mundo. Essa mudança permitiu que o autor superasse tanto a leitura corrente na época, em particular no campo marxista, que via a escravidão como externa ao capitalismo e quanto a abordagem que restringia às relações internas entre metrópoles e colônias, permitindo expandir a análise para outras partes desse todo.<sup>7</sup>

Em Binghamton, Tomich esteve bastante presente no *Fernand Braudel Center* como integrante do corpo docente na área de Sociologia e História, ocupando o posto de vice-diretor do centro.<sup>8</sup> Embora o *FBC* fosse vinculado ao Departamento de Sociologia da Universidade, integrava também pesquisas de alunos de outros departamentos, os quais tinham liberdade e não atuavam sob uma hierarquia direta dos professores do centro.<sup>9</sup> Os trabalhos desenvolvidos nesse espaço eram publicados no periódico do próprio centro, a *Review*<sup>10</sup>.

O centro foi fechado na Universidade de Binghamton em julho de 2020 e o seu acervo foi transferido para o Brasil, mais especificamente, para a Universidade Federal Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, encerrando suas atividades após décadas de trabalho, tendo reunido nomes relevantes para os estudos das humanidades. Não é claro o motivo do fechamento do centro e a transferência do acervo para Universidade Federal Fluminense.<sup>11</sup>

## 1.2 DALE TOMICH E O CAMPO DA ESCRAVIDÃO

Para Parron, parte do desafio dos cientistas das ciências humanas é compreender como podem existir macronarrativas que são heterogêneas e, simultaneamente, estão em todo lugar, são globais, como a economia-mundo. Para Tomich isso se resolve ao se diferenciar a unidade de análise com a unidade de observação, sendo o primeiro a teoria e o segundo o objeto, a

<sup>7</sup> TOMICH, 2016b, p. 21

<sup>8</sup> **Fernand Braudel Center**. Disponível em: <https://www.binghamton.edu/fbc/about-fbc/index.html>

<sup>9</sup> TOMICH, p. 776 (entrevista)

<sup>10</sup> A revista esteve ativa entre 1976, ano de fundação, até 2020, quando seu arquivo foi transferido para UFF no Brasil, tendo 39 volumes publicados durante esse período.

<sup>11</sup> Algumas matérias foram publicadas sobre o assunto no Brasil, para ler mais sobre essa transição recomendo ler matéria publicada pela Uol (<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2019/06/03/novo-centro-da-uff-vai-debater-desigualdades-globais.amp.htm>) e a matéria publicada pela agência Brasil (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-06/novo-centro-da-uff-vai-debater-desigualdades-globais>). Em jornais internacionais, não foi possível identificar matérias sobre o assunto com detalhes sobre o fechamento.

história.<sup>12</sup> Esse é um tópico que Tomich traz em diversas ocasiões. Entendendo que muitas vezes o sistema-mundo é visto tanto como uma unidade de análise quanto como objeto de observação. O que pode ser o caso, porém há um problema quando não se faz essa distinção entre o enquadramento analítico e o recorte empírico, pois se trata o sistema, a totalidade como um conceito estático, um dado acabado.

Para entender isso, o autor usou a dialética do concreto de Karel Kosik<sup>13</sup>, que ajuda na configuração da metodologia proposta, ao passo que pressupõem que o todo é antes uma hipótese inicial e não algo dado. Dessa forma a análise das partes ajuda a compreender o todo enquanto o estudo de cada parte, forma e reforma a nossa concepção do todo.<sup>14</sup>

O seu trabalho *Slavery in the circuit of sugar*, onde vemos esses tópicos sendo tratados, foi escrito enquanto Tomich estava fazendo um intercâmbio na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no Brasil, entre 1982 e 1983, período de retomada democrática após a ditadura militar. O autor, além de estar presente na Unicamp, também teve uma passagem pela Universidade Federal Fluminense, além de ministrar seminários em Salvador e Curitiba.

Nesta obra, o autor estuda a produção de açúcar com mão de obra escrava na ilha caribenha de Martinica, então colônia francesa. O mesmo foi desenvolvido ao longo do mestrado e doutorado de Tomich e é o assunto sobre o qual ele publicou livro posteriormente. Tomich se debruça sobre como o trabalho escravo usado na produção de açúcar se modificou dentro dessa colônia francesa, considerando o movimento do mercado internacional, as pressões políticas britânicas e o avanço tecnológico.<sup>15</sup>

Obstinadamente, preocupa-se em integrar o sistema de escravidão à expansão da economia-mundo capitalista. Fugindo da ideia de que o capitalismo é essencialmente definido pela mão de obra assalariada e pelo seu modo de produção específico. Propõe que, para se compreender a expansão capitalista, é essencial considerar constituir esse espaço outras formas de trabalho, fundamentalmente capitalistas ou não, e que estes construíram e foram construídos por esse movimento histórico.<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> MARQUES; PARRON, 2019, p. 779

<sup>13</sup> KOSIK, 1963

<sup>14</sup> Ver mais sobre em: KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

<sup>15</sup> MORGAN, 2018

<sup>16</sup> TOMICH, 2016b, p. 5

Aqui o autor já trabalhava com a perspectiva de sistema-mundo como uma forma de entender as diversas relações entre diferentes níveis de espacialidade e temporalidade, se despreendendo de categorias fixas da análise. O estudo da Martinica não era só um estudo do local e nacional, mas incluía a ilha em uma perspectiva mais ampla econômica e socialmente.

Na segunda introdução de *Slavery in the circuit of sugar*, Tomich explica que a visão Marxista tradicional do capitalismo entende que o capitalismo é a priori definido pela forma de exploração do trabalho (o assalariado) e pelas relações de produção, o que faz com que os conjuntos analisados fiquem sempre dentro ou fora dessa conceitualização. Uma abordagem através das *commodities* ou dos produtos permite a expansão desse estudo possibilitando a análise de diversos modos de produção e suas inter-relações e com o todo teórico e histórico.<sup>17</sup>

E por conta dessa compreensão o autor escolhe como espinha dorsal da narrativa de seu livro, o açúcar e não a escravidão. Dessa forma pode analisar a relação dialética da escravidão e capitalismo, explorando os contextos de produção e troca, e também como isso reestruturou as relações de escravidão em Martinica.<sup>18</sup>

No livro *Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial*, compilação de diversos estudos do autor, incluindo o artigo sobre a segunda escravidão, é possível ver como a análise de fato está centrada na imbricação entre produção, circulação e consumo nos diferentes conjuntos estudados. Considerando-se as novas tecnologias empregadas, os meios ecológicos necessários, o espaço, as condições de demanda internacional, entre outros fatores que influenciam na forma e no volume dos circuitos historicamente integrados. Essas condições, que se apresentam num cenário nacional, também colocam essa história em um cenário internacional da economia capitalista.

### 1.3 SEGUNDA ESCRAVIDÃO

Dale Tomich em 1988 publicou o artigo onde originalmente propôs a ideia de “segunda escravidão”. O texto faz parte da coletânea intitulada "*Rethinking the Nineteenth Century: contradictions and movements*", organizada por Francisco O. Ramirez. Posteriormente, em 2004, como mencionado, Tomich inseriu o texto no livro *Pelo prisma da*

---

<sup>17</sup> TOMICH, 2016a, p. 37

<sup>18</sup> Ibidem p. 39

*escravidão: trabalho, capital e economia mundial*, trazendo o tópico da segunda escravidão como o terceiro capítulo da primeira parte do livro.

Nesse capítulo o autor se propõe a analisar as mudanças na escravidão no século XIX. A escravidão foi uma catástrofe histórica que impacta até hoje as sociedades e que reconfigurou a população americana. Um evento dessa proporção temporal e territorial não é nada homogêneo, mas, sim, diverso e complexo. O autor assinala, logo no início do capítulo “a segunda escravidão” que “a escravidão é vista como (ou se presume ser) essencialmente o mesmo fenômeno em toda a parte, os diferentes sistemas escravistas se distinguem um dos outros apenas por seus contextos econômicos, culturais e políticos”.<sup>19</sup>

A ideia de segunda escravidão propõe a ocorrência de um processo integrado de reestruturação da escravidão em conjunto à expansão do capitalismo, havendo uma alteração na dinâmica da forma material de produção e da demanda de certos produtos, como algodão, café e açúcar. Dessa forma, a escravidão foi sendo transformada pelo capitalismo e transformando o capitalismo, e vice-versa.

O século XIX foi marcado por transformações no meio político, econômico e tecnológico. Dentre elas, uma bastante significativa para as relações escravistas foi a quebra da lógica entre metrópole e colônia. O fim da dinâmica monopolista colonial significou o fim de um fluxo de matéria-prima garantido, bem como o fim de um mercado exclusivo para a venda dos bens manufaturados. Com isso o poder econômico migrava para aqueles que conseguissem de fato controlar o fluxo de mercadorias. Nesse contexto, a Grã-Bretanha emerge como potência, demonstrando sua força através da extensa marinha, bancos da cidade de Londres e indústria.<sup>20</sup>

Além disso, com a industrialização crescente, houve um aumento considerável da procura por matéria-prima, “o avanço da industrialização na Europa e América do Norte mudou o padrão de demanda do mercado mundial no curso desse período”<sup>21</sup>. Apesar da existência de colônias britânicas que poderiam prover essas *commodities*, nenhuma delas conseguia produzir na escala, qualidade e preço das regiões escravistas da América.

O aumento na busca de materiais como algodão para abastecer a indústria têxtil, açúcar e café para consumo da classe trabalhadora, cria uma maior demanda por mão de obra

---

<sup>19</sup> TOMICH, 2011a, p. 82

<sup>20</sup> Ibidem, p. 85

<sup>21</sup> Ibidem, p. 84

escrava nas regiões de produção escravista, o que criará um movimento de importação em massa de escravos. Vale destacar que, enquanto essa reestruturação está acontecendo nos polos escravistas da América, na Grã-Bretanha desencadeava-se o processo histórico que culminou na abolição de tráfico de escravos em 1807 e na abolição da escravidão em 1833.

Esse movimento cria uma relação contraditória entre a intensificação da escravidão e a ascensão de forças antiescravistas de variadas ordens. A forte interdependência entre os novos polos escravistas e a indústria britânica foi marcada pela existência de forças econômicas e políticas hostis a interesses escravistas. A Grã-Bretanha então manejou o declínio de suas colônias escravistas ao longo das décadas iniciais do século XIX, alterando o foco de sua agenda macroeconômica e geopolítica. Com domínio quase hegemônico do mercado mundial, era mais vantajoso “terceirizar” a produção das matérias-primas. Dessa forma, quando um território atingia seu limite de produção, podia-se explorar outras nações provedoras daquela *commodity*, mantendo-se uma rede ampla de mercados consumidores.<sup>22</sup> “Sua preocupação concentrava-se cada vez mais nas mercadorias baratas, independente da forma de trabalho que as produzia. O escravo como mão de obra produtiva ganhou precedência sobre o escravo mercadoria.”<sup>23</sup> Como falado anteriormente, todo esse processo culminou em um aumento da importação de escravos e no crescimento de centros escravistas.

O açúcar, é um personagem importante nessa história. Era um produto produzido extensamente na colônia francesa de Saint Domingue, localizada na ilha de Hispaniola, no Caribe, até o advento da revolução do Haiti. As colônias ocidentais britânicas tiveram um aumento de produção na sequência, porém com o limite de terras e mão de obra escrava foram rapidamente ultrapassados por novos produtores.<sup>24</sup> No contexto político nacional, os processos de independência na América, fizeram com que se cortasse um intermediário grande das relações comerciais, a metrópole. Por consequência, esses senhores de escravos se tornaram ainda mais poderosos.

A tecnologia de energia a vapor também foi ampliado, tanto em relação às máquinas em si, aquelas usadas na produção, quanto em relação às máquinas periféricas, como trens a vapor, que diminuíram o custo de distribuição das mercadorias e aumentaram as terras que

---

<sup>22</sup> TOMICH, 2011a, p. 88

<sup>23</sup> Ibid. p. 88

<sup>24</sup> Ibid. p. 89

poderiam ser usadas lucrativamente.<sup>25</sup> A possibilidade do espaço explorado para produção de *commodities* ser aumentado, gerou, também, exigência por mais mão de obra.

Cuba com a produção de açúcar, Estados Unidos com a produção de algodão e Brasil com a produção de café, emergem como grandes centros de produção de seus respectivos produtos.

A demanda de algodão, café e açúcar atingiu proporções sem precedentes durante o século XIX, e a produção dessas safras revitalizou a escravidão em Cuba, nos Estados Unidos e no Brasil como parte dessa emergente divisão capitalista internacional do trabalho<sup>26</sup>

Apenas o grande volume de mão de obra escravizada não seria o suficiente para otimizar a produção das *commodities*, seria necessário também um reforço tecnológico, que veio por trens, navios e engenhos a vapor. Melhorando o transporte dos bens produzidos, bem como a qualidade e a quantidade produzida. As estradas de ferro tiveram um papel importante, pois, literalmente, abriram caminho para que terras ainda não exploradas fossem ocupadas por extensas plantações. Todo esse arsenal tecnológico dependia de investimento, e este viria, principalmente, dos bancos de Nova York e dos bancos de Londres. “Na primeira metade do século XIX, Londres forneceu o que Jenks descreveu apropriadamente como “ponte de crédito” aos Estados Unidos, ao Brasil e as colônias espanholas com o fim de estimular a produção e o comércio (Jenks, 1971, p. 67; McMichael, 1984, p. 22 - 23)”<sup>27</sup>

Podemos analisar esse movimento através de Cuba, por exemplo, que em 1830 já despontava como uma produção gigantesca de açúcar, que vai mais que dobrar apenas 18 anos depois, chegando a 25% da demanda mundial. Com o crescimento exponencial da produção, foi crescendo também a população de escravos na ilha, na mesma medida. Nesse processo, outras culturas que, outrora, tinham muita relevância, foram sendo desbancadas de sua posição.<sup>28</sup>

O maquinário com a nova tecnologia do momento, o vapor, em ascensão no mundo todo, teve um papel relevante no processo de expansão da produção de açúcar em Cuba. Chegando a 70% dos engenhos de açúcar, em 1860, usarem maquinário a vapor. Não somente a produção direta de açúcar mudou, mas também seu transporte. Com a finalização da primeira estrada de ferro da América Latina em 1837, Cuba viu uma redução do custo de

---

<sup>25</sup> Ibid. p. 91

<sup>26</sup> TOMICH, 2011a, p. 89

<sup>27</sup> Ibidem, p. 89

<sup>28</sup> Ibidem, p. 90

transporte que permitiu uma exploração mais ampla e eficiente de seu território. Todo esse equipamento não só permitiu produzir mais, como permitiu produzir em mais quantidade.<sup>29</sup>

Essa primeira estrada de ferro se estendia desde Havana até Guines, uma região bastante fértil, localizada mais ao interior de Cuba, que viveu muitas transformações na primeira metade do século XIX. Uma mudança bastante significativa foi a diminuição da porcentagem da população branca na região entre 1775 e 1817, indo de cerca de 75% a 38%. Essa transformação indica um aumento na população negra da região.<sup>30</sup>

Além do aumento populacional, disciplinas mais duras e regimes de trabalho mais rígidos afetaram a vida dos escravos à medida que,

[...] acabou privando os escravos de usufruir de suas roças, alongou as jornadas e as semanas de trabalho e tornou mais severos os castigos que acelerariam o ritmo de trabalho ou corrigiriam a alegada insolência que os brancos viam em todos os lugares desde a Revolução Haitiana.<sup>31</sup>

Essas condições proporcionaram o contexto para o fomento da escravidão nos polos escravistas da América, porém, o sistema social e produtivo solidamente estabelecido no Novo Mundo, se reformula e se reorganiza no cenário nacional e internacional.<sup>32</sup>

A segunda escravidão é, portanto, uma escravidão reformulada e influenciada pela revolução industrial e uma economia capitalista em expansão. Essa relação se conecta em várias partes, mas principalmente pela demanda e dependência da produção de commodities para a classe trabalhadora emergente. Para atingir tais níveis de produção precisou-se de mais tecnologia, mais território, mais mão de obra escrava e diferentes formas de controle e disciplina. Mudanças tão expressivas que mudam o carácter das relações escravistas e como isso se apresenta material e socialmente.

Essa ideia proposta pode ser vista de diversas formas, o próprio autor cita na introdução de um livro que a vê como um conceito aberto, ainda em desenvolvimento<sup>33</sup>. O debate sobre ele tem sido amplo e visa entender suas lacunas e sua relevância nos estudos sobre escravidão.

---

<sup>29</sup> Ibidem, p. 91

<sup>30</sup> FERRER, 2012, p. 49-50

<sup>31</sup> Ibidem, p. 46

<sup>32</sup> TOMICH, 2011a, p. 87

<sup>33</sup> MUAZE, SALLES, 2020, p. 13-17

#### 1.4 SISTEMA MUNDO E MULTIPLICIDADE TEMPORAL

O capitalismo foi definido por muitos pesquisadores com base na sistemática de exploração da mão de obra assalariada. Mas com a “crise global do trabalho assalariado” e a compreensão de que existe uma conjugação de diversas formas de exploração do trabalho para a reprodução do Capital em larga escala tensionam logicamente a causalidade exclusiva entre trabalho assalariado e capitalismo. Wallerstein propõe a perspectiva de sistema-mundo. Nela o capitalismo é compreendido como algo que se formou a partir do seu próprio processo de expansão, ou seja, as suas estruturas e dinâmicas foram se desenvolvendo à medida que foram se espalhando pelo globo. O autor entende que nas regiões centrais do sistema-mundo a mão de obra assalariada é predominante. Através dessa lógica, entende-se que outras formas de trabalho coexistem dentro desse sistema, sendo a mão de obra escrava uma delas.<sup>34</sup>

Em cada um dos espaços que compõem o sistema-mundo há um tipo de mão de obra predominante, respectivamente: mão de obra assalariada, arrendamento e trabalho compulsório. A conexão dessas diferentes formas de produção é possível dentro dessa macronarrativa, pois o autor os encaixa na realidade a partir da produção de mais-valia, comum a esses modos de produção, extrapolando as relações estritas entre burguesia e proletariado.<sup>35</sup>

Essa perspectiva da integração entre regiões que ocupam papéis distintos na divisão internacional do trabalho está presente no trabalho de Tomich, que se debruça sobre a novidade histórica do período marcado pelo capitalismo industrial. Como explicado acima, a escravidão, durante século XIX, sofrerá diversas alterações: aumento no emprego de tecnologia; e maior demanda por alguns produtos, devido à classe de trabalhadores emergentes na Europa, processo que se deu com as independências e os processos de abolição da escravidão em grande parte da América. Um cenário de contradição, pois, concomitante a esses movimentos de libertação, há uma expansão nos grandes centros escravistas em relação à produção e também à demanda por mão de obra. Esse momento é o que Dale Tomich descreve como segunda escravidão, uma proposta onde podemos pensar de forma mais aprofundada como a escravidão e o capitalismo se relacionavam.

---

<sup>34</sup> MARQUESE, 2019, p. 27

<sup>35</sup> TOMICH, 2011b, p. 33

Esse processo não foi isolado, mas algo amplo e diverso, que envolveu a Europa, África e América. Portanto, para, pensar a escravidão é preciso entender que ela faz parte desse cenário atlântico. O Espaço Atlântico, por muitas vezes, é tratado na totalidade de várias partes isoladas ou, ainda, por meio de categorias que se expandem para englobar outros temas e, também, como um espaço geográfico predeterminado. Tomich pensa esse espaço como “[...] parte dos processos espaço temporais abrangentes que formam a economia mundo”.<sup>36</sup> Há uma dependência mútua das regiões no espaço Atlântico, que existe em espaços e tempos diversos, criando uma longa duração atlântica. As mercadorias produzidas e comercializadas no espaço Atlântico, por exemplo, circulam, também, pelo mapa em diferentes momentos históricos, como cita Tomich: “O açúcar é paradigmático de um tipo de produto agrícola itinerante. Apesar de parecer imóvel, o centro da produção açucareira migrou através do mundo Atlântico durante o tempo histórico longo.”<sup>37</sup>

O Atlântico, como espaço histórico, está na economia-mundo europeia, em uma relação dialética em que é simultaneamente, produto e agente do processo de expansão e desenvolvimento capitalista. A economia-mundo funciona de certa forma como um ponto de aglutinação entre diversos temas e subtemas, partindo da ideia de que eles são considerados partes interdependentes e nela contidas, e por isso também oferece uma espinha dorsal narrativa mais ampla.<sup>38</sup> O sistema-mundo, como macro narrativa, surge como uma hipótese a ser evidenciada através da análise do objeto ou da região estudada. Logo, a economia-mundo não é nada dado da realidade estudada, mas algo que se constrói e reconstrói no processo de investigação. Pensar o espaço Atlântico como esse espaço de expansão do capitalismo possibilita pensar as sub-regiões do Atlântico como unidade de observação. Entender essa narrativa maior, no que lhe concerne, não significa ignorar o particular: diferentes regiões vão reagir e interagir diferentemente em relação a essas estruturas maiores. Dessa forma, navegar entre a multiplicidade temporal da longa duração, conjuntura e tempo curto é possível, de modo que um não se impõe sobre o outro hierarquicamente, mas interdependentemente. Nesse ponto o autor diverge um pouco do que propõe Braudel com a longa duração, ao passo que nessa proposta os diferentes ritmos temporais se estruturam hierarquicamente.<sup>39</sup>

Eles nos permitem especificar relações históricas particulares e processos no tempo e no espaço, enquanto reconstituímos a complexidade espaço-temporal do todo histórico global. Podemos, dessa maneira, reconstituir a economia mundial como um

---

<sup>36</sup> TOMICH, 2004, p. 224

<sup>37</sup> TOMICH, 2004, p. 235

<sup>38</sup> Ibidem, p. 224-225

<sup>39</sup> TOMICH, 2011b p. 42

todo histórico concreto e, incorporando a unidade e as diferenças produzidas global e historicamente, reconstruir as altamente mediadas e historicamente irregulares relações dos processos históricos mundiais enquanto os vivemos.<sup>40</sup>

O tempo e o espaço são, por vezes, usados como unidades separadas e com diferentes funções. A proposta de longa duração de Fernand Braudel aparece como uma alternativa a essa visão, ao passo que percebe o espaço e o tempo como agentes constituidores da realidade histórica e de igual relevância analítica. O tempo, porém, é visto de forma hierárquica em 3 níveis: longa duração, conjuntura e curta duração. Segundo Tomich, “para Braudel, a tarefa do historiador é dividir e depois reunir o tempo”.<sup>41</sup> A proposta do Tomich inverte essa lógica: analisa-se as partes para reconstituir o todo. Como na análise micro-histórica, essa inversão “revela a descontinuidade e a heterogeneidade que são, necessariamente, parte do tempo plural”<sup>42</sup>. Enquanto na micro-história se observa a influência desses diversos níveis temporais na agência do sujeito, no método proposto por Tomich observa-se também como essas realidades históricas de menor escala influenciam no todo.

O autor fala sobre a relação *fundo-figura* proposta por Hopkins, sendo basicamente inverter aquilo que está como pano de fundo em relação àquilo que está em análise, sendo possível analisar suas diferenças e similaridades.<sup>43</sup> Esse vai e vem analítico permite navegar em escalas temporal-espacial diversas permitindo

reconstituir a economia mundial como um todo histórico concreto e, incorporando a unidade e as diferenças produzidas global e historicamente, reconstruir as altamente mediadas e historicamente irregulares relações dos processos históricos mundiais enquanto os vivem.<sup>44</sup>

Assim, a segunda escravidão, parte da análise dos grandes centros escravistas do século XIX, Brasil, Cuba e EUA e reconstitui um cenário maior da escravidão no sistema-mundo capitalista e entre outros centros no espaço Atlântico, enquanto investiga a influência do capitalismo dentro desses espaços menores.

## 1.5 A DIFUSÃO DO CONCEITO

Desde a sua publicação original, a noção de segunda escravidão influencia o trabalho de diversos pesquisadores da escravidão ao redor do mundo. Em pesquisa no Google Acadêmico pelos termos “segunda escravidão”, “second slavery” e “segunda esclavitud” foi

<sup>40</sup> Ibidem, p. 50

<sup>41</sup> TOMICH, 2011b, p. 42

<sup>42</sup> Ibidem, p. 50

<sup>43</sup> Ibidem, p. 50

<sup>44</sup> Ibidem, p. 51

possível fazer o levantamento de pelo menos 52 trabalhos de 52 autores diferentes que citam o termo no corpo do texto ou no título. Os trabalhos levantados se referem a um escopo bem grande no que diz respeito a recorte espacial, navegando pelos 3 continentes envolvidos nos processos de escravidão: América, Europa e África.

Além de a temática considerar essa variedade de espaços, também é possível identificar de onde esses trabalhos têm sido escritos. Foram identificados autores que escrevem de universidades localizadas em, pelo menos, 13 países diferentes, como Espanha, Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, China, França, Austrália, Países Baixos, Brasil, Porto Rico, Alemanha, México e Portugal. Existe uma predominância de trabalhos escritos por historiadores que atuam em universidades nos EUA, sendo cerca de 31,8% dos trabalhos e autores levantados nessa pesquisa.

Outro elemento que vale a pena notar é a data das publicações, havendo uma predominância de publicações no século XXI. Apetece reforçar que os trabalhos identificados nessa pesquisa são uma amostra do que de fato existe publicado acerca desse assunto. Uma hipótese para entender a predominância de trabalhos nesse período é um aumento da produção e relevância acerca de temas de história Global. Sandra Kuntz<sup>45</sup> comenta em artigo que o uso mais atento do termo História Global parte da década de 1990.

Por questões práticas, não é possível ler todos os trabalhos levantados nessa pesquisa e por esse motivo selecionei três obras para discutir sobre o uso da segunda escravidão, ponderando se é elemento tomado como pano de fundo ou como algo que impacta na metodologia da pesquisa desenvolvida pelo autor.

Os três trabalhos foram escolhidos como referência aos seus recortes espaciais. O primeiro é o artigo escrito por Ada Ferrer que discute sobre a escravidão cubana, o segundo é escrito por Paul LoveJoy que aborda a África islâmica no contexto da escravidão no século XIX e por último Sidney Chalhoub que versa sobre a escravidão no Brasil.

Ada Ferrer é uma historiadora cubana focada no estudo da história de Cuba, com trabalhos sobre escravidão e também sobre revolução. O artigo que escolhi para trabalhar nesse capítulo é um assunto, melhor desenvolvido em seu livro *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. O texto trata das repercussões da Revolução de

---

<sup>45</sup> KUNTZ,2018. Ver mais em: FICKER, Sandra Kuntz. “Mundial, transnacional, global: Un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales”. IN: Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/66524> visitado em 18 de dezembro de 2022.

Saint-Domingue em Cuba e, particularmente, na relação senhor-escravo. A autora objetiva discutir a ideia do “medo do Haiti”, analisando suas diferentes ressonâncias no espaço Atlântico. Ferrer explica que essa imagem do “medo do Haiti” derivada da Revolução Haitiana invocará um significado generalizante e heterogêneo para as repercussões desse evento, fazendo com que o tema seja tratado superficialmente e descaracterizado na historiografia.<sup>46</sup>

Em Cuba, por exemplo, segundo a autora, esse evento teve repercussões diversas, como o aumento da entrada de mão de obra escrava na ilha para suprir a demanda de açúcar, simultaneamente a uma série de medidas para evitar revoltas escravas como: controle demográfico e incentivo de imigrantes brancos (a fim de manter certo equilíbrio entre a quantidade de brancos e pretos na ilha), controle territorial da ilha mais intenso (visando prevenir que grandes colônias de escravos se formassem em áreas mais remotas), missões de espionagem no Haiti, entre outras coisas.<sup>47</sup> Desta forma, Ferrer conclui seu texto propondo que para melhor compreender a Revolução em si, é importante entender a repercussão dupla e contraditória: o aumento da escravidão e a ideia de liberdade. Nesse trabalho, a autora apenas cita a segunda escravidão em uma nota de rodapé<sup>48</sup>, apontando a contradição de como os movimentos abolicionistas e a Revolução Haitiana intensificaram a escravidão em certos espaços, como em Cuba. Por isso, chama-se esse período de segunda escravidão.

O segundo estudo examinado é de autoria do historiador canadense Paul E. Lovejoy, professor na Universidade de York, que estuda principalmente sobre África e a diáspora africana decorrente da escravidão. No artigo  *jihad and the Era of second slavery*, o autor tenta olhar para a África através da escravidão. Nesse texto o autor argumenta que a segunda escravidão não se restringiu aos centros escravistas da América. Apesar das diferenças, a África também viveu esse momento.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> FERRER, 2012, p. 39

<sup>47</sup> Ibidem, 2012, p. 41-43

<sup>48</sup> Segunda Ada Ferrer: “Deve ser enfatizado que os fazendeiros cubanos criaram uma nova Saint-Domingue em um contexto muito diferente do que havia permitido o surgimento da colônia francesa. O boom em Cuba no início do século XIX ocorreu quando o comércio de escravos e a escravidão em si foram desafiados pela Revolução Haitiana e contestados pelo desenvolvimento dos movimentos abolicionistas ingleses. Isso favoreceu e, paradoxalmente, reviveu a escravidão em novos territórios, como Cuba, a ponto de às vezes ser chamado de “segunda escravidão”. Ver TOMICH, Dale. *Spaces of Slavery, Times of Freedom: Rethinking Caribbean History*. World Perspectives: Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East, n.57, p.67-80, 1997 e Idem. *The Second Slavery: Bonded Labor and the Transformation of the Nineteenth-Century World Economy*. In: RAMÍREZ, Francisco O. *Rethinking the Nineteenth Century: Contradictions and Movement*. Nova York: Greenwood Press, 1998. p.103-117. “ (FERRER, 2012, p. 40)

<sup>49</sup> LOVEJOY, 2016, p. 30

As diferenças começam na motivação da escravidão nesses dois espaços. Sendo a primeira pela raça e a segunda pela religião, também é possível apontar que o “boom” de trabalhadores escravizados na África não foi devido a algum incremento tecnológico como houve em outros espaços na América. Apesar dessas peculiaridades, a mão de obra escrava era usada em plantações para a produção de commodities, essas ficavam na órbita de centros urbanos onde se desenvolveram indústrias, em especial a têxtil.<sup>50</sup> Empregando homens e mulheres em postos de trabalho gerando renda e produção em larga escala. A semelhança mora, na maioria, na quantidade da mão de obra escrava, que, por vezes, chegou a ultrapassar em proporção percentual a população escrava em certos lugares na América, como, por exemplo, em Cuba ou no Brasil. A população escrava nesses estados girava em torno de 25% a 50%, segundo dados apontados pelo autor.<sup>51</sup>

Esse artigo é muito interessante, pois o autor parte da proposta de Tomich de segunda escravidão para pensar a pouca ou a completa não inserção da África nos estudos sobre o comércio transatlântico de escravos. Ele aponta que um dos motivos que importam para essa exclusão da África Ocidental é de que ela estava muito mais voltada para o comércio no mundo islâmico do que com o capitalismo mundial em ascensão, estava muito mais voltada para o comércio mais local do que aquele global.<sup>52</sup> O autor, portanto, explora a ideia de segunda escravidão para pensar algo novo, fazendo algo como um estudo comparativo entre aquilo que aconteceu na América no século XIX e aquilo que acontecia na África no mesmo período.

O terceiro e último autor a ser analisado nessa parte é Sidney Chalhoub. Ele é um historiador brasileiro, atualmente professor em Harvard, nos Estados Unidos, e tem como principal área de estudo a história do Brasil no século XIX. O texto escolhido é o segundo capítulo do livro *A força da escravidão* publicado em 2012. O capítulo, bastante breve, inicia tratando das mudanças no cenário internacional e como estas influenciaram o tráfico de escravos no Brasil. Em especial o papel da Grã-Bretanha que, como potência consolidada no cenário internacional, exigiu o fim do tráfico de escravos no Brasil em troca do reconhecimento do país como Estado independente. Esse movimento resultou na lei de 1831 condenando o tráfico de escravos para o Brasil em parceria com a Grã-Bretanha na patrulha da costa atlântica.<sup>53</sup> Após 1834, o tráfico foi reaberto ilegalmente e o país voltou a receber

---

<sup>50</sup> LOVEJOY, 2016, p. 40

<sup>51</sup> Ibidem, p. 33

<sup>52</sup> Ibidem, p. 42

<sup>53</sup> CHALHOUB, 2012, p. 36

cativos africanos em quantidades crescentes. Chalhoub aponta que cerca de 42% de todos os escravos traficados para o Brasil desembarcaram na primeira metade do século XIX, primariamente direcionados para as plantações de café no sudeste.<sup>54</sup>

Após essa breve contextualização das condições do Brasil naquele momento, o autor segue para um debate entre duas figuras proeminentes da vida pública nacional da época: Domingos Barretos e José Bonifácio. Apesar dessas duas pessoas não serem apontadas no texto como tendo se confrontado diretamente, é evidenciado através de suas respectivas obras que há uma aparente intenção de responder os argumentos um do outro.<sup>55</sup> Domingos Barreto, como escravista, sustenta que a manutenção da escravidão era baseada em pactos sociais e que esse processo beneficiava o negro escravizado escapar de penas mais duras, como a morte, além de ser “acolhido” na cristandade, portanto, salvo.<sup>56</sup> Já José Bonifácio vai argumentar quanto ao direito natural e na humanidade do negro escravizado, apontando-os como selvagens, mas que capazes de serem civilizados se libertos.<sup>57</sup>

Chalhoub conclui esse capítulo mencionando o “segundo escravismo”, sendo a forma a qual ele escolhe traduzir o termo *second slavery*, não alterando de nenhuma forma seu significado. A alusão ao conceito serve, nessa conclusão, para explicar o motivo a “marcha interrompida da emancipação” exemplificada por projetos propostos por José Bonifácio visando a emancipação e inserção do negro na sociedade brasileira. O conceito de segunda escravidão utilizado no capítulo *Escravidões* de Chalhoub é semelhante à forma utilizada no artigo de Ferrer. Há uma breve menção ao conceito, mas pouco realmente se desenvolve a partir dele. A referência a ideia parece servir mais para contextualizar o leitor do que está sendo falado ou estudado. Isso se evidencia ainda mais o trabalho de Ferrer pelo fato do conceito de segunda escravidão aparecer somente como nota de rodapé, algo para o leitor buscar ler se quiser ir mais a fundo. No caso de Chalhoub, há uma tentativa de ir além de contextualizar o leitor, mas também explicar aquilo que está sendo exposto ao longo do capítulo. A disputa entre abolicionistas e escravistas, bem como a contradição da intensificação do abolicionismo liderado pela Grã-Bretanha e, em simultâneo, o crescimento na importação de mão de obra escrava no Brasil.

---

<sup>54</sup> Ibidem, p. 35

<sup>55</sup> CHALHOUB, 2012, p. 41

<sup>56</sup> Ibidem, p.38-40

<sup>57</sup> Ibidem, p. 40-42

Diferentemente desses dois autores, Paul Lovejoy desenvolve a partir do conceito de segunda escravidão proposto por Tomich um debate a respeito de uma lacuna relevante que é a África nesse período. A proposta é interessante e levanta questões que são pertinentes, não só para o debate da escravidão, mas o da história da África como protagonista e não como coadjuvante das narrativas históricas centradas em outras regiões. O conceito de segunda escravidão aqui não é utilizado como pano de fundo ou contexto, mas como um ponto de partida para explorar outros pontos que integram esse espaço geográfico e social do Atlântico. Tendo como partida a questão em comum que é a produção em alta escala utilizando a mão de obra escrava e um enriquecimento das nações.<sup>58</sup>

O conceito de segunda escravidão, conforme proposto pelo Tomich, é um conceito aberto e que se permite ser explorado de diversas formas, além de conter muitas lacunas que ainda precisam ser analisadas. Com base apenas nos textos estudados, é possível ver que há uma maior utilização do conceito como um elemento do cenário, tendo pouco protagonismo que pudesse de alguma forma abrir outros caminhos de análise.

## **CAPÍTULO 2 - A RECEPÇÃO DA SEGUNDA ESCRAVIDÃO NO BRASIL**

O emprego da noção de segunda escravidão se dá pela primeira vez na historiografia brasileira na obra *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660 - 1860* de Rafael de Bivar Marquese. O livro foi publicado em 2004, mas é resultado da pesquisa de doutorado defendida em 2001 no Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo.<sup>59</sup> Nessa obra o autor trata de ideias e práticas relacionadas à administração dos escravos na longa duração. O recorte é bastante diverso, abarcando várias partes do Atlântico, contemplando textos de gêneros variados. Com o estudo desses documentos, Marquese apresenta dois objetivos, o primeiro sendo uma análise das mudanças nas dinâmicas arquitetadas por esses senhores de escravos a fim de otimizar e aumentar a produção no século XVIII. O segundo busca

---

<sup>58</sup> LOVEJOY, 2016, p. 36

<sup>59</sup> MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente: história das ideias da administração de escravos nas Américas, séc. XVII-XIX.** 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 15 jun. 2022.

demonstrar como a dominação do senhor ao escravo se adapta para caber tanto no sistema do Antigo Regime, quanto na lógica dos Estados nacionais.<sup>60</sup>

O conceito de segunda escravidão é trabalhado na terceira parte do livro, em seu capítulo 6, “Império do Brasil, 1820 - 1860”, onde o autor se dedica a analisar o escravismo brasileiro no período. Pelo prisma da segunda escravidão, Marquese observa a necessidade de se efetuar uma análise mais ampla dos escravismos, considerando o entrelaçamento da história brasileira com Cuba e os Estados Unidos.<sup>61</sup> Um ano antes da publicação de sua pesquisa como livro, Marquese ingressou como docente do departamento de história na USP, onde atua ainda hoje, como professor titular. Como integrante do Programa de Pós-Graduação em História Social da universidade, orientou diversos trabalhos em diferentes níveis acadêmicos que ajudaram a difundir e fomentar o debate do conceito de segunda escravidão em diversas universidades e centros de pesquisa pelo Brasil. A atuação de Rafael Marquese foi um motor importante para aquecer a discussão sobre o conceito e por isso neste trabalho falaremos um pouco das pesquisas de doutorado orientadas pelo autor.

A primeira tese de doutorado defendida sob a orientação de Marquese foi de Ynaê Lopes dos Santos, concluída em 2012. O título da obra *Irmãs do Atlântico: escravidão e espaço urbano de Havana (1763 - 1844)* nos remete ao espaço conceituado como espaço Atlântico que falamos no primeiro capítulo. Trata-se de uma pesquisa comparativa entre as maiores cidades escravistas do Atlântico, Havana e Rio de Janeiro. Cidades que compartilham de uma certa sincronia, segundo a autora, e que permite uma pesquisa comparativa entre esses dois espaços. O uso da segunda escravidão no texto e na pesquisa fica mais para um pano de fundo. Em uma pesquisa por palavras e termos, podemos ver que o conceito de segunda escravidão aparece 5 vezes, sendo destas uma vez na bibliografia e uma vez no corpo do texto, as demais aparecem em notas de rodapé. Apesar das semelhanças com Tomich quanto ao recorte espacial e à orientação global, o uso do conceito funcionou mais como um fator de contextualização.<sup>62</sup> Hoje a autora é docente na graduação de história da Universidade Federal Fluminense e tem como principais campos de interesse história do trabalho, escravidão e história das Américas.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> MARQUESE, 2004, p. 11-14

<sup>61</sup> MARQUESE, 2004, p. 265.

<sup>62</sup> SANTOS, 2012, p. 104

<sup>63</sup> Ynaê Lopes dos Santos. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9825396116792460>. Acesso em: 11 jun. 2022.

Em 2014 temos a defesa da tese *Geografia da escravidão na crise do Império: Bananal, 1850 - 1888* escrita por Marco Aurélio dos Santos. A pesquisa tem como recorte histórico o Brasil escravista no final do século XIX e demonstra como o espaço é usado como uma ferramenta de dominação, através da disciplina e ordem, bem como, meio de resistência para os escravos que ocupavam esses espaços. Para investigar essa dinâmica o autor utiliza processos criminais e inventários do período. Sem deixar de relacioná-los com outras fontes relevantes da época para poder entender o valor atribuído aos espaços pelos homens livres e escravos.

O autor articula o espaço de Bananal<sup>64</sup> com um quadro mais amplo para falar ainda sobre como isso se articula com os demais acontecimentos do Brasil Império. A segunda escravidão aparece no trabalho através da citação da obra de Marquese, referida como bibliografia na introdução e acaba não sendo discutido com o tema.<sup>65</sup> Marco Aurélio hoje atua como membro pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos sobre o Brasil e o Sistema Mundial (Lab-Mundi) da Universidade de São Paulo (USP).<sup>66</sup>

Em 2015 foram defendidas duas teses, sendo elas: *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba c. 1760- 1871* por Waldomiro Lourenço da Silva Junior e *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba* por Tâmis Peixoto Parron.

No trabalho de Waldomiro Lourenço, a pesquisa parte do campo jurídico para analisar o papel dos processos de alforria em Cuba e no Brasil como um elemento estruturante da escravidão em contradição com seu propósito original, o da liberdade. A pesquisa faz um paralelo entre a legislação de Cuba e do Brasil desde a segunda metade do século XVIII até a passagem para a década de 1870, quando foram aprovadas as leis de ventre livre. A proposta de pesquisa lembra a de Ynaê Santos em relação ao método comparativo, mas aqui olhando para outra face da escravidão. Diferente do trabalho de Santos, Waldomiro traz a segunda escravidão não só como um conceito, mas vale-se do método utilizado e sugerido por Tomich que “[...] indica uma espécie de via conciliatória entre a perspectiva micro-histórica e a concepção de tempo plural que parece bastante pertinente aos presentes fins”.<sup>67</sup> A segunda

---

<sup>64</sup> Municipalidade na região do Valo do Paraíba, em São Paulo, Bananal foi um centro de produção agrícola e uso de mão de obra escrava da região no século XIX.

<sup>65</sup> SANTOS, 2014

<sup>66</sup> Marco Aurélio dos Santos. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9458620473136677>. Acesso em: 11 jun. 2022.

<sup>67</sup> JUNIOR, 2015, 20 Apud. TOMICH, 2011b, 38-51

escravidão é citada extensamente ao longo da obra e analisada com mais profundidade do que nas obras anteriores.<sup>68</sup> O autor atua hoje como professor adjunto na Universidade Federal de Santa Catarina e segue pesquisando sobre história da América.<sup>69</sup>

Tâmis Parron, no que lhe concerne, faz uma análise da trajetória da escravidão nas Américas, considerando: Estados Unidos, Brasil e Cuba por uma abordagem de história integrada, objetivando melhor compreender o quadro político e econômico. Parron, parte do que é proposto por Tomich com uma crítica. Ele entende que apesar de explicar bem a queda a primeira escravidão e o surgimento da segunda, o conceito não traduz satisfatoriamente o “movimento de ascensão e a queda da segunda”.<sup>70</sup> Propõe então, em sua pesquisa, diminuir a escala, repartir o século XIX em três pedaços, desenvolvendo duas no seu trabalho de mestrado e deixando a terceira para o pós-doutorado. Também nesse trabalho é possível observar que há uma maior ocorrência do uso do conceito de segunda escravidão, o que é previsto considerando o ponto de partida da pesquisa.<sup>71</sup> Esse é um trabalho que se aprofunda mais e traz luz a algumas lacunas e propostas de como preenchê-las. Tâmis Parron hoje é professor na Universidade Federal Fluminense, coordenador do Núcleo de História Comparada Mundial na UFF.<sup>72</sup>

Em 2019 ocorre a defesa da tese de Alain El Youssef: *O império na segunda era da abolição, 1861-1880*. Na sua pesquisa, o autor aspira demonstrar o que ele chama de *segunda era das abolições* por uma análise do cenário econômico-político nas Américas e do pensamento contemporâneo brasileiro. Sua tese analisa a crise da escravidão brasileira considerando os movimentos no Brasil e os externos.<sup>73</sup> O uso da segunda escravidão nessa pesquisa é bastante importante, ao passo que o autor localiza a segunda era das abolições como um processo na segunda escravidão. Hoje, Alain El Youssef é bolsista de pós-doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e atua como membro do Lab-Mundi na USP, sendo um dos coordenadores do núcleo e pesquisa "Capital, Estado e Trabalho a crise da escravidão negra no longo século XIX".<sup>74</sup>

---

<sup>68</sup> SILVA, 2015

<sup>69</sup> **Waldomiro Lourenço da Silva Junior**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4719744574361813>. Acesso em: 11 jun. 2022.

<sup>70</sup> PARRON, 2015, p. 14

<sup>71</sup> Ibidem

<sup>72</sup> **Tâmis Peixoto Parron**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3457328381968135>. Acesso em: 11 jun. 2022.

<sup>73</sup> YOUSSEF, 2019

<sup>74</sup> **Alain El Youssef**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5494094863357326>. Acesso em: 11 jun. 2022.

No ano seguinte, 2020, temos a tese de Nicole Damasceno: *Disciplina e Castigo: normas e práticas sobre tratamento destinado às crianças e aos escravos na sociedade brasileira (Século XVII - XIX)*<sup>75</sup>, como as obras citadas anteriormente, esta também é orientada por Rafael Marquese e defendida na USP. Nessa pesquisa, a autora analisa comparativamente o tratamento em relação a castigos entre crianças livres e crianças escravas. Essa análise baseia na ideia que, após a abolição do tráfico de escravos com as leis de 1831 e 1850, escravidão dependia, em um certo nível, dessas crianças nascidas escravas, e com isso há uma mudança na educação e punições inferidas a elas. Isso se deu até 1871 com o advento da lei de ventre livre, quando as crianças negras agora nascidas livres, isso gerou uma mudança na forma em que a educação e punições são para crianças negras novamente, e agora, também para as crianças brancas.<sup>76</sup> Nesse trabalho o conceito de segunda escravidão entra como contextualizador e não é tão aprofundado.

Em 2021 houve a defesa de duas teses. A primeira delas foi *Rios de escravidão: tráfico interno e mercado interno de escravos do Vale do Amazonas (1840 - 1888)* escrita por Luiz Carlos Laurindo Junior. A obra estuda especificamente a manutenção constante do número de escravos em uma determinada região após o fim do tráfico transatlântico de escravos. Nessa obra o autor usa a segunda escravidão como base analítica e contextualizadora da sua pesquisa,<sup>77</sup> indo além do uso como pano de fundo, e utilizando o método proposto por Tomich sobre unidade de análise e unidade de observação. Isso porque, o autor se propõe a relacionar diferentes escalas de espaço ao avançar na sua pesquisa, conectando o contexto menor do tráfico de escravos na região, com o Império do Brasil e com a América.<sup>78</sup> Hoje o autor atua como professor adjunto da Universidade Federal do Oeste do Pará e também atua como membro do LABMUNDI.<sup>79</sup> A segunda tese defendida nesse ano de 2021 foi *A economia política da violência na Era da Segunda Escravidão: Brasil e Estados Unidos, 1776-1888*, escrita por Marcelo Rossanova Ferraro. Neste trabalho o autor faz uma análise comparativa entre os processos criminais de escravizados no Brasil e nos Estados Unidos, e seus reflexos na contemporaneidade. A segunda escravidão nesse trabalho é essencial e faz parte da tese em si, e não é apenas um recurso de análise.<sup>80</sup> Atualmente,

---

<sup>75</sup> DAMASCENO, 2020

<sup>76</sup> DAMASCENO, 2020, p. 18-19

<sup>77</sup> SILVA JUNIOR, 2021

<sup>78</sup> Ibidem, p. 28

<sup>79</sup> **Luiz Carlos Laurindo Junior**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6025459217196753>. Acesso em: 11 jun. 2022.

<sup>80</sup> FERRARO, 2021

Marcelo Rossanova atua como docente na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).<sup>81</sup>

As datas de defesa e publicação dos trabalhos citados anteriormente coincidem com as datas de maior número de publicações localizadas no trabalho quantitativo levantado, se concentrando entre 2009 e 2020. Ocorre também, nessa janela de tempo, o início da colaboração entre Rafael Marquese e Ricardo Salles.

Desde 2010, Salles, falecido em 2021, conduziu o grupo de pesquisa *O império do Brasil e a Segunda escravidão (o antigo Vale do Paraíba e a Segunda Escravidão)*<sup>82</sup> do qual faz parte Rafael Marquese, também como liderança, além da historiadora Mariana Muaze, entre outros colaboradores. A publicação mais notável desses dois historiadores é o livro *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos*. Na obra, de 2016, os autores foram tanto organizadores como escritores, junto com outros nomes como Robin Blackburn<sup>83</sup>, Dale Tomich, José Antonio Piqueiras<sup>84</sup> e Edward P. Baptist<sup>85</sup>. Ricardo Salles pode ser identificado como outro importante autor para a ampliação do debate sobre segunda escravidão no Brasil, tendo participado de diversas obras e eventos a respeito do tema. Como consequência, alguns autores que foram por ele orientados também trabalharam sobre o tema, como, por exemplo, Daniel Gandra, que defendeu sua tese de doutorado em 2020. A tese se chama *Audazes pioneiros: terras, escravos e fortunas em Pirai (1820-1888)* e a pesquisa gira em torno de Pirai e seu papel no Vale do Paraíba, buscando correlacionar a localidade com a economia-mundo capitalista.<sup>86</sup>

Outros nomes que aparecem relacionados a pesquisa sobre segunda escravidão oriundos, como estudantes ou professores da UNIRIO são: João Marcos Mesquita que atualmente é mestre em história pela UNIRIO e até a presente data não defendeu sua tese de doutorado, ambas produções orientadas por Salles; Ana Paula Cláudia Torem atualmente é

<sup>81</sup> **Marcelo Rossanova Ferraro**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1396851806701551>. Acesso em: 11 jun. 2022.

<sup>82</sup> MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo (org.). **A segunda escravidão e o império do Brasil em perspectiva histórica**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

<sup>83</sup> Robin Blackburn é um sociólogo britânico com estudo focado na revolução cubana, escravidão e a expansão do capitalismo. Ver mais em: <https://www.essex.ac.uk/people/BLACK63000/robin-blackburn>. Acesso em: 16 mar. 2023.

<sup>84</sup> José Antônio Piqueiras é um historiador espanhol com estudos focados na escravidão no século XIX, movimentos trabalhistas. Ver mais em: [https://www.uji.es/departaments/his/base/estructura/personal?p\\_departamento=104&p\\_profesor=65230](https://www.uji.es/departaments/his/base/estructura/personal?p_departamento=104&p_profesor=65230). Acesso em: 16 mar. 2023

<sup>85</sup> Edward P. Baptist é um historiador focado na história da escravidão nos EUA no século XIX. Ver mais em: <https://history.cornell.edu/edward-e-baptist>. Acesso em: 16 mar. 2023

<sup>86</sup> GANDRA, 2020

doutoranda em História Social da Cultura orientada por Mariana Muaze; Thiago de Souza Reis é doutor em história sendo orientado por Ricardo Salles; Magno Fonseca Borges é doutor em história, tendo sido coorientado por Ricardo Salles.<sup>87</sup>

Ainda que exista uma certa concentração de pesquisadores que se interessem quanto ao conceito de segunda escravidão na UNIRIO e USP, há muitos pesquisadores em outros polos que integram essa rede de pesquisa, como alguns já citados anteriormente.

Leonardo Marques é um dos pesquisadores externos a esses polos. Marques é doutor em história pela Emory University e hoje atua na Universidade Federal Fluminense como professor de História da América Colonial. A partir da pesquisa realizada durante seu doutorado foi publicado um livro intitulado *The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas, 1776-1867* em 2016. Nesse livro o autor argumenta a respeito do tráfico de escravos nos Estados Unidos e seus desdobramentos após a sua proibição, em comparação com as repercussões em Cuba e Brasil. Para isso o autor utiliza do conceito de segunda escravidão.<sup>88</sup>

Todos esses trabalhos demonstram uma diversidade de assuntos e formas que o conceito pode ser apropriado e utilizado. Dentre os trabalhos analisados, é possível observar que a segunda escravidão aparece com certa frequência em trabalhos mais voltados para a história social. Uma das explicações possíveis para isso é que o conceito proposto entra como uma via alternativa, criando uma conexão entre o macro e o micro, entre o social e o econômico.

## CONCLUSÃO

A proposta da segunda escravidão permite que escravismo e capitalismo não sejam entendidos como excludentes, mas como processos que se afetaram mutuamente. Esse olhar permite que paradigmas sejam superados, como o nacionalismo metodológico e capitalismo definido primordialmente pela mão de obra empregada. Ao trazer mais evidência para o debate sobre os impactos da revolução industrial na escravidão no século XIX, o autor<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> PESQUISADORES. Disponível em: [http://segundaescravidao.com.br/?page\\_id=466](http://segundaescravidao.com.br/?page_id=466). Acesso em: 12 jun. 2022.

<sup>88</sup> MARQUES, 2016

<sup>89</sup> TOMICH, 2011a

demonstra como o capitalismo em expansão no atlântico se transformou a si mesmo e a escravidão enquanto se desenvolvia. A reconfiguração do contexto do trabalho, então, modifica as relações escravistas que mudam no cenário geográfico, econômico, social e político. Mesmo com muitos avanços e possibilidades de pesquisa, ainda existem lacunas que precisam ser investigadas, como as abolições e os movimentos abolicionistas. Esse é um tema que traz muitas contradições, em um século com aumento de produção e importação de escravos, há também um avanço do movimento para a libertação e o fim da escravidão.

Apesar de um uso da segunda escravidão como um recorte temporal e espacial, ou apenas contextual, o proposto por Tomich pode acabar sendo usado de outras formas nos trabalhos estudados. Sobre isso, em publicação recente (2020), Leonardo Marques fala:

Um número crescente de trabalhos, inspirados pelo conceito de segunda escravidão, também tem explorado os condicionamentos mútuos entre diferentes partes do sistema mundial no longo século XIX (Berbel; Marquese; Parron, 2010; Parron, 2015; Silva Júnior, 2015; Marques, 2016; Tomich, 2016; Rood, 2017; Youssef, 2017).<sup>90</sup>

Mais do que um recorte temporal e espacial, Tomich traz questões de ordem metodológicas quando propõe um vai e vem analítico, indo do micro ao macro e vice e versa. As partes e o todo trabalham em conjunto construindo a realidade, de forma que, estudá-las em isolamento cria explicações parciais. Uma das pesquisas que aparecem no segundo capítulo e que explora e explica com afinco esse método proposto, é o trabalho de Laurindo Junior. No trabalho, o autor explica o método de Tomich como

Para que os pesquisadores consigam captar os fenômenos particulares estudados, segundo Tomich, é preciso que saibam situar esses fenômenos como partes relacionadas a um todo, mas também relacionadas a outras partes, mesmo que constituídas de forma diferenciada umas das outras, em temporalidades e espacialidades próprias. Ao mesmo tempo, todo e partes não podem ser reduzidos um ao outro, e, se o todo é superior e regula as relações entre as partes, as partes não são necessariamente assimiláveis ao todo. São relações interdependentes, hierárquicas e assimétricas, que formam e reformam as partes e o próprio todo.<sup>91</sup>

Além disso, a compreensão dessa complexidade de escalas e multiplicidade temporal possibilita e ajuda a desenvolver estudos comparativos entre diferentes regiões do espaço atlântico. Essa apropriação comparativa podemos observar, por exemplo, nos trabalhos de Waldomiro Lourenço<sup>92</sup> e Ynaê Santos<sup>93</sup>, ambas pesquisas fazendo análises comparativas entre Cuba e Brasil em diferentes temas, percebendo os muitos distanciamentos e aproximações nas

<sup>90</sup> MARQUES, 2020, p. 65

<sup>91</sup> LAURINDO JUNIOR, 2021, p. 28

<sup>92</sup> SILVA JUNIOR, 2015

<sup>93</sup> SANTOSA, 2012

duas pesquisas. O avanço aqui é o rompimento do limite nacional e, no caso da escravidão, a compreensão de que esse movimento foi mais extenso no tempo e no espaço, portanto global.

Esse conceito, publicado inicialmente em 1988, só mais recentemente começou a ser apropriado por outros historiadores no Brasil, a partir de 2004, com a publicação de livro escrito por Rafael Marquese<sup>94</sup>. Uma hipótese que se pode considerar é a de que, apesar de relevante e com potencial de contribuir para o avanço nas pesquisas no campo da escravidão, o artigo não teve muita repercussão por nascer em uma universidade com pouco destaque no contexto da historiografia norte-americana. Com a proximidade do autor a algumas universidades brasileiras e por consequência, com pesquisadores dessas universidades, cria a ponte entre o conceito de “segunda escravidão” e a historiografia da escravidão no Brasil. Como citado no início do segundo capítulo, Rafael Marquese aparece como um dos principais propulsores do conceito no Brasil e o primeiro a usá-lo em uma pesquisa, tendo orientado vários estudos que trabalham ao redor do tema ou que citam o tema dentro de suas pesquisas.

A pesquisa realizada no Google acadêmico oferece um recorte a partir de 2009 das obras publicadas sobre o tema, em um aumento crescente ao longo da década de 2010. Há ainda muito espaço para construir e investigar sobre a escravidão do século XIX e o conceito de segunda escravidão oferece um ponto de partida para isso.

## BIBLIOGRAFIA

BLACKBURN, Robin. Porque Segunda Escravidão? In: MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo (org.). **Escravidão e capitalismo histórico no séc XIX**: Cuba, Brasil e Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 10-33.

CHALHOUB, Sidney. Escravismos. In: \_\_\_\_\_. **A força da escravidão**: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia da Letras, 2012. p. 33-45.

CHALHOUB, Sidney e SILVA, Fernando Teixeira da. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 80. **Cad. AEL**, v.14, n.26, 2009.

DAMASCENO, Nicole. **Disciplina e Castigo**: normas e práticas sobre tratamento destinado às crianças e aos escravos na sociedade brasileira (século xvii - xix). 2020. 232 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paulo, 2020. Disponível em:

---

<sup>94</sup> MARQUESE, 2004

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25062020-205023/publico/2020\\_NicoleDeOliveiraAlvesDamasceno\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25062020-205023/publico/2020_NicoleDeOliveiraAlvesDamasceno_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

DIÓRIO, Renata Romualdo. **Os libertos e a construção da cidadania em Mariana**. 2013. 269 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paulo, 2013. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22102013-122403/publico/2013\\_RenataRomualdoDiorio\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22102013-122403/publico/2013_RenataRomualdoDiorio_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

**Fernand Braudel Center.** Disponível em: <https://www.binghamton.edu/fbc/about-fbc/index.html>. Acesso em: 19 ago. 2021.

FERRER, Ada. A sociedade escravista cubana e a Revolução Haitiana. **Almanack**, [S.L.], n. 3, p. 37-53, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320120304>.

FERRARO, Marcelo Rosanova. **A economia política da violência na Era da Segunda Escravidão: brasil e estadus unidos, 1776 - 1888**. 2021. 438 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paula, 2021. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27072021-200340/publico/2021\\_MarceloRosanovaFerraro\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27072021-200340/publico/2021_MarceloRosanovaFerraro_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. **Rios de escravidão: tráfico interno e mercado interno de escravos do vale do Amazonas (1840 - 1888)**. 2021. 427 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paulo, 2021. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29122021-175607/publico/2021\\_LuizCarlosLaurindoJunior\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29122021-175607/publico/2021_LuizCarlosLaurindoJunior_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

GANDRA, Daniel. **Audazes pioneiros: terras, escravos e fortunas em pirai (1820 - 1888)**. 2020. 259 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Unirio, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/ppgh/producao-academica/teses-de-doutorado-e-egressos-pasta/arquivos/DANIELNOGUEIRAGANDRAPPGHUNIRIOT.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MARQUES, Leonardo; PARRON, Tâmis. Relational History: an interview with dale tomich. **Tempo**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 764-773, dez. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2019v250313>.

MARQUES, Leonardo. **The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas, 1776 - 1867**. S.I: Yale University Press, 2016. p. 310

MARQUESE, Rafael de Bivar. A História Global da Escravidão Atlântica: balanços e perspectivas. **Esboços**. Florianópolis, p. 14-41. abr. 2019.

MARQUESE, Rafael. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e controle de escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MORGAN, William A.. Review of Dale W Tomich. **H-Latam**. jan. 2018. Disponível em: <http://www.h-net.org/reviews/showpdf.php?id=49939>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo (org.). **A segunda escravidão e o império do Brasil em perspectiva histórica**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

PARRON, Tâmis Peixoto. **A política da escravidão na era da Liberdade**: estados unidos, brasil e cuba, 1787-1846. 2015. 502 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paulo, 2015. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09102015-151621/publico/2015\\_TamisPeixotoParron\\_VOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09102015-151621/publico/2015_TamisPeixotoParron_VOrig.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

TOMICH, Dale. O Atlântico como espaço histórico. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 26, n. 2, 2004, pp. 221-240.

TOMICH, Dale. A "segunda escravidão". In: TOMICH, Dale. **Pelo prisma da escravidão**. São Paulo: Edusp, 2011a.

TOMICH, Dale. A Ordem do Tempo Histórico: a longue durée e a micro-história. *Almanack*, [S.L.], n. 2, p. 38-52, dez. 2011b. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320110204>.

TOMICH, Dale. A escravidão no capitalismo histórico: rumo a uma história teórica da segunda escravidão. In: MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo (org.). **Escravidão e capitalismo histórico no séc XIX**: cuba, brasil e estados unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016a. p. 34-57.

TOMICH, Dale. **Slavery in the circuit of sugar**: martinique and the world-economy 1830 -1848. 2. ed. Albany: State University Of New York, 2016b.

SALLES, Ricardo. A segunda escravidão e o debate sobre o capitalismo e escravidão. Ensaio de historiografia. In: MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo (org.). **A segunda escravidão e o Império do Brasil em perspectiva histórica**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. p. 27-52. Disponível em: <http://www.casaleiria.com.br/acervo/historia/muazesalles/asegundaescravidao/index.html>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SANTOS, Marco Aurélio dos. **Geografia da escravidão na crise do Império**: bananal, 1850-1888. 2014. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paulo, 2014. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29092014-165602/publico/2014\\_MarcoAurelioDosSantos\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29092014-165602/publico/2014_MarcoAurelioDosSantos_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Irmãs do Atlântico**: escravidão e espaço urbano no rio de janeiro e havana (1763-1844). 2012. 341 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Social, Usp, São Paulo, 2012. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08012013-121005/publico/2012\\_YnaeLopesDosSantos\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08012013-121005/publico/2012_YnaeLopesDosSantos_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

SILVA JUNIOR, Waldomiro Lourenço da. **Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c.1760-1871.** 2015. 341 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paulo, 2015. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21102015-124324/publico/2015\\_WaldomiroLourencoDaSilvaJunior\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21102015-124324/publico/2015_WaldomiroLourencoDaSilvaJunior_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

SOUZA, Priscila de Lima. **Sem que lhes obste a diferença da cor: a habilitação dos pardos livres no brasil e no caribe espanhol (1750-1808).** 2017. 411 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paulo, 2017. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09022018-125020/publico/2017\\_PriscilaDeLimaSouza\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09022018-125020/publico/2017_PriscilaDeLimaSouza_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

YOUSSEF, Alain El. **O império na segunda era da abolição, 1861 - 1880.** 2019. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Usp, São Paulo, 2019. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30042019-191619/publico/2019\\_AlainElYoussef\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30042019-191619/publico/2019_AlainElYoussef_VCorr.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.